

JORNAL

JUNTOS

EDIÇÃO ESPECIAL
ANO 10 / Nº 38
JUNHO DE 2020



V I D A S
N E G R A S
I M P O R T A M

EXPEDIENTE

EDITORIAL

Felipe Simoni

DIAGRAMAÇÃO

Erick Andrade

POSTER

Silvia Giese

COLABORADORES

João Pedro de Paula,
Diogo Dias,
Patrick Veiga,
Tarsila Amoras,
Gabriela Cavalcante

Acompanhe o Juntos
nas Redes Sociais!



SUMÁRIO

3 EDITORIAL

6 VIDAS NEGRAS
IMPORTAM! A LUTA
ANTIRRACISTA EM
TEMPOS
PANDÊMICOS

9 POSTER

10 AÇÃO E TEORIA:
RESGATANDO O
MARXISMO NEGRO

14 JUNTOS
ENTREVISTA!
ENTREGADORES

ANTIFASCISTAS

18 JUNTOS
ENTREVISTA! LUTA
ANTIRRACISTA, DO
CAMPO DE
FUTEBOL ÀS RUAS

22 A LUTA EM
DEFESA DA SAÚDE
PÚBLICA SEGUE

24 NOSSA VITÓRIA
NÃO SERÁ POR
ACIDENTE - RITMO E
POESIA
REVOLUCIONANDO



EDITORIAL

Antirrascismo e Antifascismo, juntos para derrotar Bolsonaro e Trump!

Por

Felipe Simoni,
do Grupo de Trabalho Nacional do Juntos.

Antirrascismo e Antifascismo,
juntos para derrotar Bolsonaro e
Trump!

Felipe Simoni, do Grupo de Tra-
balho Nacional do Juntos!

Em meio à pandemia do corona-
vírus, que já tirou milhões de
vidas pelo mundo, e que colocou
em cheque a capacidade
humana do sistema capitalista,
que mostrou sua verdadeira

face, do lucro acima das vidas,
surge na luta internacional a
esperança de uma transforma-
ção radical na sociedade.

Se nos primeiros meses de 2020,
víamos a extrema-direita,
mesmo que em pequena quanti-
dade, tomar as ruas do Brasil,
apresentando seu projeto auto-
ritário e genocida, a morte de
George Floyd, nos EUA, abriu um

novo tempo na luta social. Do levante radical da população negra em Minneapolis, a luta contra a violência policial e o racismo tomou o mundo inteiro, em marcha não apenas para reafirmar que vidas negras importam, mas para dar um basta em todo o sistema de opressão, sustentado pelas desigualdades raciais.

As mobilizações se espalharam rapidamente por todos os EUA. A revolta do povo negro com a violência policial, se uniu à luta contra as desigualdades sociais nas periferias do país, escancarada pela pandemia de coronavírus que, em seu epicentro mundial, está matando muito mais os negros e pobres. Essa conexão das lutas estabilizou o principal líder da extrema-direita, o atual líder da maior potência militar e geopolítica do planeta, Donald Trump, que se escondeu da manifestação no bunker da Casa Branca e respondeu a revolta popular colocando a força nacional nas ruas, chegando até mesmo a ser chamado de ditador pela imprensa hegemônica. Mas o tiro saiu pela culatra, as manifestações se fortaleceram ainda mesmo, mesmo com os riscos da pandemia e da violência. Em várias cidades, começam a surgir experiências de

zonas autônomas, controladas pela população, com a intenção de desmantelar os departamentos de polícia.

Essa luta também se espalhou por todo o mundo, com grandes marchas da população negra na periferia de Paris e nas grandes cidades da Inglaterra. No Brasil, país com uma das maiores populações negras em diáspora, no mundo, e com um história de opressão, exploração e violência desse povo, não seria diferente.

O Brasil já atingiu a marca de segundo país com mais mortos pela COVID-19, posição que expressa perfeitamente a natureza de um governo genocida, anticiência, que não apenas ridiculariza a gravidade da pandemia, mas apresenta um projeto de morte, de omissão dos dados, da barbaridade com a vida do povo brasileiro. E no centro de tudo, é a população negra que está mais sofrendo as desigualdades escancaradas por esse projeto. O povo negro, no Brasil, está morrendo de COVID, de fome e de bala.

A negritude é a população que mais está morrendo, com falta de atendimento de saúde nas periferias do país, de COVID, é

também a maioria dos desempregados, que precisa se arriscar fazendo entregas por aplicativos ou torcer pelo auxílio emergencial que, de forma irresponsável, não está sendo pago pelo governo, e é também a população que, mesmo quando consegue se manter em isolamento social, tem suas casas invadidas pela polícia e seus filhos mortos com tiro de fuzil, como João Pedro, no complexo do Salgueiro, em São Gonçalo (RJ).

A população negra vem resistindo há séculos contra o racismo e a violência policial, mas a pandemia e as mobilizações internacionais reacenderam a necessidade de derrotar de uma vez esse sistema de opressão, onde a cor da pele e os traços são sentenças de morte. É em meio à essa triste situação que o Brasil se ergueu nas ruas para gritar que Vidas Negras Importam, e lotaram as ruas de Norte à Sul. E nas ruas, a luta antirracista encontrou uma conexão fundamental: a luta antifascista, em uma disputa das ruas contra a extrema-direita bolsonarista, que agita as bandeiras do autoritarismo.

O antirracismo e o antifascismo demonstraram que essa conexão tem a capacidade impres-

sionante de impor a derrota do projeto bolsonarista, que é hoje o maior representante das políticas racistas de genocídio e encarceramento, em comunhão com o autoritarismo e as ideias fascistas.

Essas mobilizações foram apenas o início. Cresce cada vez mais a necessidade de derrubarmos Bolsonaro e todo o bolsonarismo, e lutarmos pela construção de um novo mundo, um mundo de liberdade e justiça!

Vidas Negras Importam! Fora Bolsonaro!



Por

João Pedro de
Paula
(estudante UFRJ e
GTN Juntos!)

VIDAS NEGRAS IMPORTAM! A LUTA ANTIRRACISTA EM TEMPOS PANDÊMICOS

Para Lênin, o Estado é um instrumento de dominação de classes viabilizada pela repressão. Após 150 anos do nascimento do revolucionário, muitos consideram essa visão como reductionista, visto que o aparelho estatal tem outras funções para além do uso da violência.

Contudo, nas favelas e periferias do Brasil há um estado-mínimo: que aparece sempre através do braço fardado, seja pela polícia, seja pelo Exército. A violência estatal é tanta nas favelas do Rio, que apenas em 14 dias do ano letivo de 2017 da rede pública não foram registradas interrupções por operação policial. Se não bastasse atingir os poucos serviços públicos que são oferecidos a essas pessoas, a bala também atinge crianças e adolescentes, mesmo se tiverem com a roupa da escola ou dentro da própria casa, como foram os casos de Marcos Vinícius e João Pedro. O conceito de Lênin sobre o Estado nunca foi tão atual.

Os assassinatos são como uma pena de morte aplicada pelo Estado à quem é preto, pobre e favelado. Em 2005, das 707 pessoas que morreram por intervenção policial no Rio, apenas 19 casos viraram processos judiciais e desses só 3 resultaram em

condenação (UFRJ, 2012). O genocídio do povo negro não é uma retórica: é a realidade vivenciada nas favelas do Rio e de todo Brasil.

A necropolítica, o exercício do controle sobre quem vive ou morre, é aplicada por Bolsonaro, Witzel e demais governantes mesmo durante a pandemia da COVID-19. Os negros são os que mais morrem por conta da doença: não há leitos suficientes na rede pública, não há auxílio emergencial adequado e o mínimo de isolamento social existente foi flexibilizado pelo Estado. Uma imagem de um BRT lotado circulou pela internet, a raça daqueles que estavam lá não precisa nem ser dita, não é?

Nos dois últimos domingos, manifestantes ocuparam as ruas e gritaram: nem fome, nem tiro, nem COVID - o povo negro quer viver! Por necessidade, os movimentos negros e de favelas tiveram que ir às ruas para barrar a continuidade das operações policiais. Os gritos foram ecoados por todo país e ouvidos no STF, que decidiu pela suspensão das operações no Rio durante o período da pandemia. Uma vitória, mas há um muito para se caminhar. Bolsonaro e Witzel continuam com sangue em suas mãos.

Para o governador do RJ, um processo de impeachment foi aberto de forma unânime. Para o presidente, forma-se um pilha de pedidos de impedimento na mesa de Rodrigo Maia.

**“Os
assassinatos
são como uma
 pena de morte
 aplicada pelo
 Estado à quem é
 preto, pobre e
 favelado. ”**

Não podemos dizer para as pessoas ficarem em casa, se a fome é um perigo que as assola. Não existe isolamento social sem meios para que ele seja garantido. Bolsonaro pretende reduzir o auxílio para 300 reais por apenas mais dois meses. Uma política central para o momento é a garantia que tenhamos auxílio para os próximos meses e que este seja adequado, para permitir que as pessoas fiquem em casa e não se exponham ao risco tentando obter meios para o seu sustento. Mas Bolsonaro e sua equipe econômica, chefiada

por Paulo Guedes, não demonstram interesse em garantir isso. A queda de Bolsonaro é fundamental não só para derrotar o fascismo, mas para salvar vidas, em especial do povo pobre e preto.

Como dizia o marxista negro Clóvis Moura, a história oficial do Brasil é um aparelho ideológico de dominação da elite branca. Há estátuas de genocidas brancos por todos os lados. Em uma manifestação no Rio, o Exército colocou tanques, soldados, cães e drones para proteger o monumento de Duque de Caxias. Por isso, fazer história por fora da visão dominante é um ato de coragem. Temos que lembrar de nossos heróis, aqueles que não possuem monumentos justamente por questionarem as estruturas de poder, para ressignificar o passado, de forma que amanhã não seja só um ontem com um novo nome. Lutar contra o fascismo e o racismo é essencialmente enfrentar as estruturas sobre as quais eles se sustentam. Para tanto, temos que seguir nas trincheiras de luta contra Bolsonaro, Witzel e a história e a ideologia pelas quais eles se fundamentam.

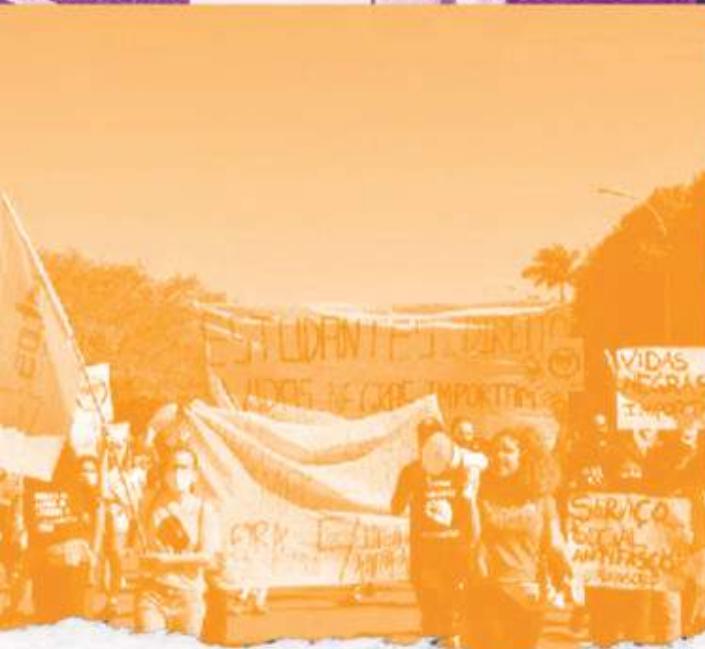
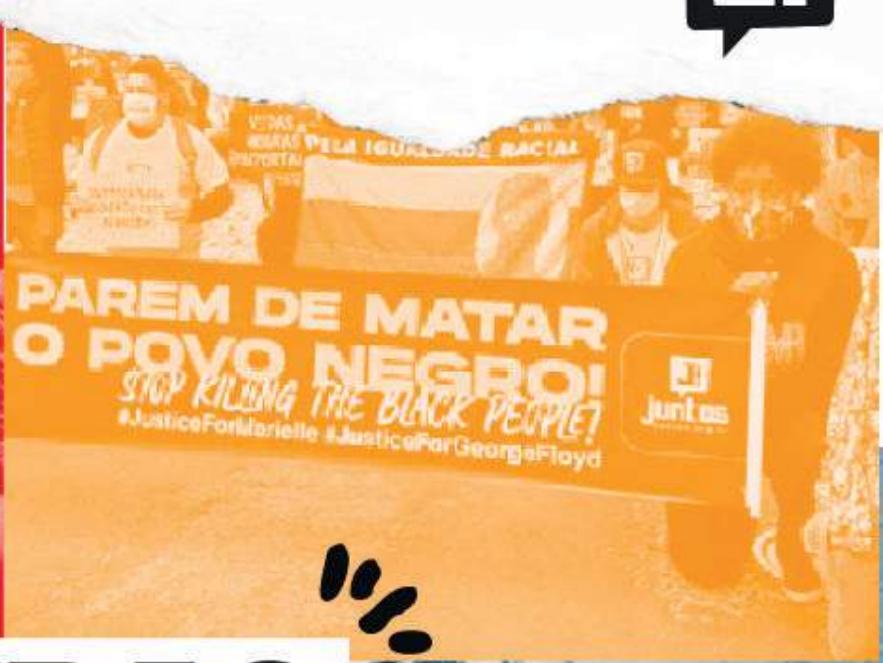


PAREM DE MATAR
O POVO NEGRO!

STOP KILLING THE BLACK PEOPLE!
#JusticeForMarielle #JusticeForGeorgeFloyd

Juntos
JUNTOS

VIDAS NEGRIAS IMPORTAM



AÇÃO E TEORIA: RESGATANDO O MARXISMO NEGRO

Por

Diogo Dias
(militante do movimento
negro e estudante da USP)

O marxismo é a nossa principal ferramenta para compreender e transformar a realidade. Vivermos em uma sociedade cujo sistema capitalista explora e oprime a classe trabalhadora que tem gênero, raça e sexualidade. Logo, o nosso compromisso com a teoria, é uma teoria para ação, a qual supere a condição que estamos submetidos no mundo. E, quando se trata do racismo, a resposta não é dife-

rente. Precisamos compreender e ler a sociedade a partir da opressão racial que é parte estruturante do capitalismo internacional, para romper e transformar as estruturas racistas. Por isso, esta seção do nosso Jornal é dedicado à autoras e autores negros marxistas que produziram teorias em que o antirracismo é um pilar fundamental para a superação da exploração e opressão capitalista.



Angela Davis

Angela Davis é filósofa, socialista, professora emérita do departamento de estudos feministas da Universidade da Califórnia e uma das principais figuras da luta pelos direitos civis. Fez parte do Partido Comunista dos Estados Unidos. Em 1970 foi presa e uma das mulheres mais procuradas do FBI ficando conhecida mundialmente pela campanha **"Libertem Angela Davis"**. É autora de *Mulheres, Raça e Classe* (1981), uma obra para compreender como o capitalismo se estruturou em torno do racismo e do machismo. Angela Davis é uma das grandes figuras dos nossos tempos que irá se imortalizar por suas palavras como: "Numa sociedade racista não basta não ser racista. É necessário ser antirracista". É autora de livros como *Mulheres, Raça e Classe* (2016) ,*Mulheres, Cultura e Política* (2017), *A liberdade é uma luta constante* (2018), *Estarão As Prisões Obsoletas?* (2018) e *Angela Davis: Uma autobiografia* (2019).



Clóvis Moura

Clóvis Steiger Moura foi um ativista, sociólogo, historiador e jornalista brasileiro. Ficou conhecido por questionar e romper a visão de que o negro brasileiro era passível à escravidão em contraposição à visão hegemônica do mito da democracia racial, baseada nos escritos de Gilberto Freyre. Clóvis Moura é intelectual marxista que se propôs a pensar uma Sociologia da Práxis Negra, destacando o papel que a formação dos quilombos tiveram no enfrentamento à escravidão no Brasil. Para além disso, contribuiu para os estudos da formação social brasileira, a qual está intimamente ligada com o desenvolvimento do capitalismo das grandes metrópoles que se enriqueceram a partir da escravidão. É autor de livros como: *Brasil: as raízes do protesto negro* (1981), *Sociologia do Negro Brasileiro* (1988) e *Dialética radical do Brasil Negro* (1994).



Frantz Fanon

Frantz Omar Fanon é psiquiatra, filósofo e ensaísta marxista, original da Martinica, região francesa no Caribe, habitada em sua maioria por negros. Em 1952, a partir da revisão de sua primeira tese de doutorado, publica a obra *Peles negras, máscaras brancas*, livro que marcaria os estudos sobre o racismo. Nele, Fanon analisa as alienações psíquicas causadas pelo sistema colonial. O autor entende que as questões psíquicas são retrato e resultado de uma política colonialista que inferioriza negros, traçando um modo próprio de negação da humanidade para os colonizadores (brancos) e os colonizados (negros).

Na Argélia, Fanon entra em contato com uma perspectiva teórica e política da necessidade da práxis revolucionária, estando em contato com a FLN (Frente de Libertação Nacional). Em 1960, no auge da sua atuação política, Fanon escreve um livro que

problematiza a relação da revolução argelina com os outros povos do continente africano, *Os condenados da terra*. Os condenados da terra é uma obra que trata, sobretudo, dos conflitos implícitos ao colonialismo e à luta anticolonial. Nele, revela-se uma perspectiva de análise marxista e revolucionária, pois considera que o processo de libertação das colônias africanas não podem se dar sem considerar os aspectos do capitalismo colonial, a composição das diferentes classes sociais e os seus interesses. Nesse sentido, Fanon argumenta que a violência é parte fundante da sociedade colonial, presente em todas as suas expressões materiais e simbólicas, e que a superação dessa condição só seria possível no momento em que os colonizados empreendessem força material proporcionalmente capaz de abalar as forças sociais e de produzir um homem novo.

“A opressão racial é parte estruturante do capitalismo internacional”



Silvio Almeida

Silvio Luiz de Almeida é advogado, filósofo, doutor e pós-doutor em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo. É diretor-presidente do Instituto Luiz Gama e professor universitário em importantes universidades brasileiras. Silvio Almeida é autor de *Racismo estrutural* (2018), importante livro que apresenta uma compreensão sistêmica do racismo enquanto uma prática discriminatória que está presente na sociedade que vivemos. Neste livro, o autor apresenta como a emergência do conceito de raça e o racismo está diretamente ligado com a formação do capitalismo mundial através da expansão comercial no terceiro mundo e a noção de homem universal na Revolução Francesa.

Para Silvio Almeida, a sociedade contemporânea não pode ser compreendida sem os conceitos de raça ou racismo e de que o

racismo é sempre estrutural, ou seja, de que ele é um elemento que integra a organização econômica e política da sociedade. Assim, o racismo seria uma manifestação normal de uma sociedade e não um fenômeno patológico ou que expressa algum tipo de anormalidade.

O livro é um grande aprendizado sobre como o racismo se manifesta de maneira totalizante. Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção. Portanto, para além de medidas que coíbam o racismo individual e institucionalmente, torna-se imperativo refletir sobre mudanças profundas nas relações sociais, políticas e econômicas. Ao decorrer do livro, Silvio Almeida nos apresenta diversos exemplos de como o racismo se manifesta na sociedade: ideologia, política, direito e economia. Portanto, sua superação só é possível a partir de uma transformação completa da sociedade capitalista. Racismo estrutural é uma leitura obrigatória para quem quer compreender o racismo enquanto condição do sistema que vivemos.

JUNTOS ENTREVISTA!

ENTREGADORES ANTIFASCISTAS

Com

Paulo Gallo
(Entregadores
Antifascistas)

As ruas nas últimas semanas foram tomadas por manifestações contra o racismo e o fascismo no país. Lutas que têm conexão com a realidade do povo pobre, negro e periférico que fica entre a escolha de morrer de COVID-19, fome ou tiro da polícia. E, no meio dessa luta, encontramos um setor social que nos últimos anos têm sido vítima da precarização do trabalho e da não garantia de direitos, os entregadores, trabalhadores de aplicativos como o Uber, Rappi e Ifood, que diante da crise são submetidos à altas horas de trabalho em detrimento de salários baixos e sem nenhum benefício. Em função disso, eles estão se organizando e se manifestando, tendo como principal referência o Paulo Lima - mais conhecido como Gallo, líder dos Entregadores Antifascistas que viralizou nas redes com um vídeo de denúncia do descaso dos aplicativos frente aos seus trabalhadores. Ele concedeu uma entrevista ao Juntos, mandando um papo reto da luta dos entregadores antifascistas.

Juntos: Vimos que a última semana foi marcada por diversas manifestações contra o governo Bolsonaro. Para além das torcidas organizadas e o movimento negro, os entregadores



também estão se manifestando. Você poderia falar mais sobre as mobilizações dos entregadores e suas reivindicações?

Gallo: Bom, nós entregadores antifascistas temos a nossa primeira luta que é pela alimentação - fazer com que os aplicativos garantam café da manhã, almoço, janta, lanche da madrugada para os companheiros do Brasil tudo: essa é a nossa primeira luta. A gente não tá misturando as coisas ainda, a gente tá sendo simples na luta para poder ter um foco certo e o foco no momento é na alimentação. Só que a ideia de nós entregadores é também nos organizarmos como como um sistema de proteção nosso, para poder se auxiliar no caminho dessa luta e, assim, um proteger o outro, um cuidar do outro, como uma família.

J: Nos últimos anos, as empresas de aplicativo têm vendido um discurso que o trabalho de Uber, Rappi e Ifood são empreendedores e que as pessoas trabalham de acordo com a sua vontade. 'Sem saída, entregadores ficam entre a covid-19 e o bloqueio dos aplicativos'. Essa foi a manchete do noticiário do UOL no dia 09/06 expressando a condição precária que os entregadores estão neste momento da pandemia. Como está a relação com os aplicativos? Você poderia comentar um pouco dessa noção e as suas limitações?

G: É uma mentira, né? É uma mentira que foi contada para poder validar uma ideia. Uma ideia que não é muito bacana de negócio. Onde se explora muito. O valor de mercado dos aplicativos estão estabelecidos em um lugar onde tá totalmente conectado com o sofrimento dos companheiros que estão na rua, então, se amanhã esses aplicativos tiverem que reconhecer um vínculo empregatício, no caso, transformar esses 'empreendedores' - que eles chamam, essa mentira - em trabalhadores, o valor de mercado deles vai cair porque os acionistas acham muito bacana o fato de ter uma empresa que não tem que pagar direito nenhum, não tem despe-

sa nenhuma. O único problema que eles têm é contar dinheiro e fazer marketing.

J: Como você avalia o papel do governo Bolsonaro diante da crise hoje?

G: O papel do Bolsonaro na crise é de intensificar a crise, né?! Fazer a crise aumentar. Acho que esse é o plano de governo do Bolsonaro. Deve ser isso, né?! Papel do Bolsonaro... Bolsonaro, mano?! Falar o que desse cara? É um doido que entrou no governo. Rezar para que a gente saia disso com o mínimo de danos possíveis. Apesar de que já são danos pra caramba... Pera aí filha, deixa só o papai responder à pergunta.

J: Qual a importância de os entregadores estarem na luta antifascista e antirracista? Qual importância, para você, de continuarmos esse movimento?

G: Bom mano! O fascismo destrói a democracia, certo?! Se a gente não tiver a gente não tiver democracia, a gente vai ter que abandonar nossa luta para defender a democracia porque não tem outras lutas num estado que não tem democracia. Num estado que não tem democracia, tem luta para reestruturar.

turar a democracia e a gente já teve essa luta. A gente vai ter que travar de novo? Todo mundo vai ter que abandonar suas lutas para travar essa luta? Então, por isso é importante para entregadores se posicionar como antifascistas. E antirracistas?! Bom, mano, a maioria - a imensa maioria - dos empregadores é preto né mano?! Pretos e pretas. E é difícil, mano, difícil para caramba. Não ter um banheiro para usar porque você pede num restaurante para poder utilizar o banheiro e o cara do restaurante acha que você vai roubar ele, fica te esperando para descer. Ficamos esperando 2 horas plantado na frente do prédio quando você tá com a comida porque o cara está com medo de te atender... Mil fitas assim que acontecem por questões de racismo. Então, assim, ser antifascista, antirracista, antimachista e antihomofobia, acredito que é muito importante para os entregadores. E a importância de continuar o movimento? é acreditar que um dia isso vai ter frutos, muito, muito bonito, assim, muito forte, vai ser uma coisa muito saudável e muito bacana de ver - se eu conseguir ver... Precisa continuar, a luta não é miojo, não fica pronta em 15 minutos: tem que levar a luta pela vida toda.

“Bom mano! O fascismo destrói a democracia, certo?! Se a gente não tiver a gente não tiver democracia, a gente vai ter que abandonar nossa luta para defender a democracia porque não tem outras lutas num estado que não tem democracia.”



JUNTOS ENTREVISTA!

LUTA ANTIRRACISTA, DO CAMPO DE FUTEBOL ÀS RUAS

Com

Marcio Chagas
(Comentarista de
arbitragem)

Nesta edição, entrevistamos o ex-árbitro da Federação Gaúcha de Futebol e comentarista de arbitragem, Márcio Chagas.

Márcio comenta sobre sua carreira como o único árbitro negro a trabalhar na primeira divisão do campeonato gaúcho. Em 2014, quando já era reconhecido nacionalmente, sendo cotado, inclusive, para o quadro de arbitragem da FIFA, ganhou notoriedade pela sua luta contra o racismo no futebol.

Neste ano, o ex-árbitro e comentarista de futebol anunciou que será candidato a vice-prefeito de Porto Alegre na chapa com Fernanda Melchionna, Deputada Federal do PSOL e fundadora do JUNTOS!

Juntos!: Muitas pessoas acham que o futebol tem a virtude de unir culturas e povos, sem distinção de classe, raça ou origem. Porém, os constantes casos de racismo contra jogadores negros no Brasil e no exterior apontam que, na verdade, o futebol reproduz todos os preconceitos presentes na sociedade. Quando foi que você percebeu o racismo nas ofensas dirigidas a ti? Podes me descrever estes casos?

Márcio Chagas: O primeiro caso que percebi do racismo estrutural, foi logo que comecei a apitar na primeira divisão do campeonato Gaúcho. Fui até a casa de um membro da comissão de arbitragem que me pediu para anotar algumas instruções para ajudar no meu processo de desenvolvimento, pois percebia potencial para eu ter uma carreira de sucesso na arbitragem. Em determinado momento, ele pegou o papel que eu anotava suas orientações, e disse espanhado: “essa letra realmente é tua, estávamos em dúvidas se alguém te ajuda a preencher a súmula”.

Eles, comissão de arbitragem, desconfiavam que eu tivesse capacidade de escrever a súmula da partida (documento principal do jogo).

Depois passei por 3 episódios, em 2005/2006 e o episódio que ficou mais conhecido em 2014, o caso de Bento Gonçalves.

Eu não aquecia mais no gramado para não ouvir os xingamentos racistas que vinham muito fortes das arquibancadas dos Estádios da serra gaúcha, como: “negro sujo, escória, volta para a selva, volta para a África, negro de merda, morto de fome, macaco, favelado e matar negro não é crime, é adubar a terra.”

Ouvi todos esses xingamentos

antes de iniciar a partida, no final do primeiro tempo, antes de iniciar o segundo tempo e ao término da partida. Em todos momentos eu estava acompanhado do policiamento, que nada fizeram.

J!: Por muitos anos, os negros foram proibidos de jogar futebol oficialmente na maioria dos clubes do Brasil. Hoje isso não é mais uma realidade. Mesmo assim, vemos poucos negros como técnicos ou dirigentes dos clubes. Você, por exemplo, era o único árbitro negro no Campeonato Gaúcho. Quais motivos você aponta para a ausência de negros em espaços de elaboração intelectual e posições de poder?

MC: Um processo de elitização desde a formação nos cursos de arbitragem feitos pela federação gaúcha de futebol. Valores abusivos que impossibilitam o acesso de pessoas negras, privilegiando quem vem da classe média, classe média alta e elite. A representação contemporânea da escravatura que se desenha no futebol, faz dos negros protagonistas dentro dos gramados e invisibiliza fora das quatro linhas. A falta de oportunidades e de equidade mantém os negros distantes destes espa-

ços. O futebol é um meio extremamente elitista, classista, racista, machista, homofóbico e etc.

J!: Em todos esses casos de racismo que você sofreu como árbitro e comentarista de arbitragem, qual foi o papel exercido pela Federação Gaúcha de Futebol e da Justiça?

MC: Negligência e descaso!! Não tive nenhum tipo de apoio, e ainda fui avisado que sofreria represálias por ter denunciado o caso publicamente. Hoje em dia sou proibido de entrar na sede da federação gaúcha de futebol.

J!: Quando foi que você percebeu a necessidade de tornar-se um militante antirracista?

MC: Percebi quando cheguei em casa na madrugada do dia 06 de Março e fui até o quarto do meu filho, e tomei a decisão de denunciar publicamente o crime de injúria racial que havia passado. Tive que abrir mão dos privilégios que gozava, pois já era um árbitro com reconhecimento nacional e regional, com alguma chance de chegar no quadro Internacional (FIFA). Ali parti para a luta e não parei mais.

J!: Desde o final de abril, temos

observado um importante levante da população negra nos Estados Unidos contra o racismo e a violência policial. Os impactos desta rebelião negra influenciaram protestos em vários países, inclusive aqui no Brasil. Como você tem visto este processo de lutas?

MC: Mais do que necessário, só não precisamos esperar para importar um caso para manifestarmos a indignação dos inúmeros casos diários que acontecem no Brasil.

Mas devemos enaltecer a indignação da população brasileira, o que demonstra um basta para tantas covardias e humilhações que o povo negro sofre historicamente. Outro ponto importante foi a adesão do povo branco que se prontificou a entrar na luta antirracista.

J!: Recentemente, você aceitou o desafio de ser candidato a vice-prefeito de Porto Alegre. Na live de anúncio da candidatura, você falou sobre um plano de educação de combate ao racismo. Podes falar um pouco sobre este plano e a importância dele para a cidade?

MC: Precisamos trabalhar e planejar uma educação antirracista na capital gaúcha, pois vivemos

numa cidade extremamente segregadora, lugares de pessoas brancas e de pessoas negras bem explícitos. Isso é prejudicial para o desenvolvimento e convívio social. O plano é resgatar a importância da cultura Africana na construção do Brasil e no Estado, resgatar a história da negritude e recontar a verdadeira história do Brasil.

Entrevista realizada por Patrick Veiga, militante do Juntos RS, estudante de História e membro da gestão do DCE UFRGS.

“Devemos enaltecer a indignação da população brasileira, o que demonstra um basta para tantas covardias e humilhações que o povo negro sofre historicamente”

A LUTA EM DEFESA DA SAÚDE PÚBLICA SEGUE

Com

Gabriela Cavalcante
(estudante de
Terapia Ocupacional
da USP)

Nesta edição, entrevistamos o No primeiro domingo de junho (7), profissionais e estudantes da saúde, vinculados ao Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP e ao Hospital Universitário, organizaram uma manifestação na capital de São Paulo, à favor da democracia, contra o desmonte dos serviços públicos de saúde e contra escalada autoritária do Bolsonaro.

Como líder do país, o presidente deveria coordenar representantes de diversos setores visando

um melhor enfrentamento à essa pandemia. Porém, não é assim que o presidente vem se comportando. A postura negacionista, obscurantista, o menosprezo e o incentivo de Bolsonaro às aglomerações, coloca a vida da população em grave risco, principalmente a parcela negra e periférica que já vive em vulnerabilidade.

Em um momento de caos, o governo promove ainda mais caos. Há mais de vinte dias sem um ministro da saúde, o governo

agora tenta maquiar os números, em uma tentativa de distorcer a gravidade da situação e as consequências da falta de políticas de combate à pandemia. Um aumento nas contratações de profissionais de saúde, a convocação de profissionais já aprovados em concursos, a revogação da EC 95 (que limita os gastos em saúde), são alguns exemplos práticos de medidas que o (des)governo deveria estar tomando para melhor administrar essa crise.

Já sabemos que os leitos dos hospitais públicos estão quase esgotando, mas os leitos dos hospitais particulares seguem com uma boa quantidade de vagas. Assim, é fundamental a defesa de um controle do SUS para que toda a população tenha o mesmo acesso ao tratamento da COVID-19. Não podemos deixar que a população pobre morra na fila por um leito, enquanto os mais ricos defendem a volta do comércio pois sabem que tem “leitos garantidos” caso precisem.

Por trás das máscaras, estão muitos profissionais que estão apresentando estresse agudo, esgotamento, sintomas depressivos e ansiosos. A melhor maneira de proteger esses profis-

sionais (tanto no que tange a saúde física, quanto a mental) é oferecendo melhores condições de trabalho, uma remuneração justa, equipamentos de proteção individual, horários de lazer e descanso, alimentação e sono adequados, entre outras garantias.

Por último, devemos romper com a idéia de que médicos, enfermeiros, nutricionistas, dentistas, terapeutas ocupacionais, farmacêuticos e tantos outros profissionais do setor da saúde, são heróis. Devemos incentivar que os cidadãos que aplaudem das varandas e janelas, juntem-se a nós na luta por condições dignas de trabalho desses profissionais, e na defesa sistemática do Sistema Único de Saúde.



NOSSA VITÓRIA NÃO SERÁ POR ACIDENTE - RITMO E POESIA REVOLU- CIONANDO

Com
Tarsila
Amoras
(DCE-UFPA e
GTN Juntos!)

Jean-Michel Basquiat

**"Com a dor
fiz feat,
transformei
em som
Nóiz não tamo
quite, várias
dívidas
400 anos,
cês vão
me pagar..."**

Rosas - Drik Barbosa

O hip hop sempre foi impulsor da cultura negra no desafio de expor uma realidade de batalha diária contra o racismo e pela sobrevivência em meio a pobreza vivida. Assim, alguns grupos que na década de 70 iniciaram um movimento contra sistêmico, por fora dos grandes meios de comunicação e bancas de discos, para contradizer os holofotes da elite e construir uma nova forma de expressão, resistência e crítica social.

Na história existem diversos artistas e grupos que emergem dos subúrbios de Nova York, como Afrika Bambaataa, considerado o pai do hip hop, e que inaugura a ideia de o considerar uma forma de expressão e organização, construindo o conceito

dos 4 elementos: grafitti, MC, DJ e B-boy/B-girl. Desde a arte de rua até a forma como será construída a apresentação da música, a negritude dá significado às lutas diárias.

**"Eu roubo, a
sua atenção
por alguns
instantes
Falando de um
futuro
presente em
auto falantes
Gigantes com
gigabites,
gingando igual
capoeira
Nova era é
nossa hora de
fazer história e
chega!"**

**Época de Épicos -
Rick, Paulo Napoli,
Kamau e Parteum**

Quando chega ao Brasil, o hip hop encontra na realidade brasileira um cenário de repressão, censura, extrema desigualdade e violência na década de 80 com a

ditadura militar, mas também de urgência das lutas por liberdade, com as manifestações pelo Diretas Já e a ocupação das ruas. Assim, grandes nomes como Mano Brown, Edi Rock, KL Jay, Ice Blue, Thaide, Sabotage, MC Jack, Sharilayne, Dina Di, Rúbia MC, inauguraram uma nova cena na cultura brasileira, a da batalha de rima, da dança urbana e da juventude negra tomando protagonismo de sua própria história.

As batalhas começaram a se popularizar e significar um espaço de socialização, apresentação de ideias, compartilhamento da realidade nua e crua, de sonhos e conhecimento, pois com a disputa de rima, a politização toma forma para além de meras frases com repetição de sons semelhantes. E esse é o que hoje pode ser considerado o 5º elemento do hip hop, o sentido crítico social, de questionar as desigualdades e se formar como uma ferramenta de movimento anti sistêmico. Essa característica muda a realidade de muitos jovens que não encontraram na escola um ambiente eficaz diante das suas urgências, mas que tem na batalha de rima um espaço que os impulsiona para a busca pela educação.

**"Sei que vai
me mudar, sei
que vai te
mudar,
Sei que vai
libertar, sei
que vai
Mesmo com o
tanto de
guerra, nesta
vastidão de
terra, mesmo
que o povo
erra, eu sei
Não foi por
nada
Que hip-hop
apareceu na
minha casa E
me falou que
vai chegar na
sua casa, Queé
pra deixar o
clima na
moral..."**

Na Moral - Pentágono

Nesse cenário, em 1992 Luiza Erundina (PSOL), prefeita de São Paulo na época, criou o projeto

RAPensando a Educação, no intuito de levar para as escolas palestras dadas por rappers, como Racionais MC, sobre racismo, violência policial e outros temas que atingem as crianças e adolescentes das periferias urbanas. Por mais que essa não fosse a relação do hip hop com as instituições brasileiras, a iniciativa abre novos caminhos para pensar a escola mais conectada às realidades dos estudantes, sua cultura e suas formas de ver o mundo.

Hoje o hip hop caracteriza uma das maneiras mais fortes de expressão cultural da juventude, não só por dar luz à miséria e a violência ainda vividas pela negritude e cometidas pelo Estado, mas também por falar da autoestima, dos sonhos e da força daqueles que vem debaixo. Se é verdade que a cultura Hip Hop no Brasil se transformou e ganhou novas perspectivas, é porque os jovens negros no Brasil também estão em transformação.

Não é à toa que é no Hip-Hop onde também se debate as estratégias de luta antirracista e antifascista. Nos últimos anos, é nas batalhas de rima, nas rodas de SLAM, que a juventude negra tem se organizado no em torno

de ideias e pela poesia, impulsionando a ação coletiva e o protagonismo de sua própria história. É por isso que nesse momento, em que tomamos as ruas do mundo para falar que vidas negras importam, o ritmo e a poesia vêm pra nos lembrar que pra a esperança também importa. E é de cada roda, de cada rima que está nascendo a primavera negra no Brasil.

**"Trem trafega
com uma
carga além da
lotação
Pedra no
caminho
descarrilha o
vagão
O maquinista
avança em
total
concentração
Sabe o valor
do que está
em suas mãos
Última parada:
estaçao
revolução"**
ISO 9000 - GOG